

## Editorial / Dossiê Temático

por Ana Wegner, Charles Feitosa, Daiane Dordete e Tiago Mundim

O presente Dossiê apresenta trabalhos com foco nos atravessamentos entre vozes e objetos tecnológicos na relação com a cena e o público. A noção de tecnologia adotada se inscreve tanto no campo dos instrumentos como das próteses, abrangendo desde gambiarras diversas que, acopladas aos corpos de atores e atrizes, transformam o som da voz até aparatos digitais de ponta capazes de sintetizar, alterar e amplificar a voz nos palcos e nos espaços de ensaio.

Se o uso cada vez mais frequente de tecnologias digitais da imagem e do som no panorama da cena contemporânea já impunha a necessidade em abarcar aspectos pedagógicos, criativos e estéticos da voz mediada nas Artes Cênicas, o contexto de isolamento que atravessamos, devido à pandemia de COVID-19, acentuou tal urgência. Entre “apocalípticos” e “integrados”, recursos digitais foram sendo apropriados por artistas no objetivo primeiro de guardar o vínculo com o público. O uso remoto da voz e da palavra está progressivamente gerando novas poéticas, desde o uso do microfone como objeto de conexão até à integração de distorções sonoras, voluntárias e involuntárias, que engrenam novos regimes de escuta e trazem novas perspectivas de reflexão sobre as tangências das esferas vocais e digitais. A multiplicação de formas cênicas adaptadas ou criadas para o modo remoto, síncrono ou assíncrono, propiciaram modos de recepção intermídia inéditos. O espectador passa, ele também, a estar aparelhado, prolongando experiências - como o uso de fones de ouvido por espectadores - que já vinham sendo exploradas nos palcos em peças como *The encounter* (Inglaterra, 2016) da companhia Complicité ou *Grande Sertão: Veredas* (Brasil, 2018) encenada por Bia Lessa.

Privados do acontecimento cênico *hic et nunc* os pesquisadores e pesquisadoras inventam novas metodologias de análise de espetáculos que se reflete no presente Dossiê, especialmente nos artigos *Vozes que não têm boca mediadas por objetos técnicos em De Perto Uma Pedra*, de Guilherme Mayer e César Lignelli, e *Vaga Carne: Voz e Dramaturgia de um “Corpo Cenário”*, de Flávia Andresa Oliveira de Menezes e André Luiz Antunes Netto Carreira, que

partem de uma relação remota entre as obras e o espectador. Os espetáculos motes dos dois artigos são pertinentes para pensar a tecnologia digital sonora na cena contemporânea para além de seu modo de recepção à distância, assim como os artigos *Voicing the Self, Performing Collectives: Testimonio in Contemporary Argentine Theater*, de Nahuel Telleria, e *Formas de presencia del cuerpo físico y virtual en el teatro a partir del análisis de la obra Futureland de Lola Arias*, de Denise Cobello.

O isolamento social engendra igualmente novas metodologias de ensino e de processos de criação, aspecto tratado na entrevista com os formadores do curso de sonoplastia da SP *Escola de Teatro*, conduzida por Ana Wegner e Rafaella Uhiara, e no artigo *Corpólitico: narrativas corpo-vocais em projeção - relato de laboratório criativo remoto*, de Luciana de Lucena, que retratam como artistas e pedagogos adaptam seu métodos de trabalho. Tais possibilidades foram facilitadas por iniciativas de inclusão de recursos digitais em práticas artísticas e pedagógicas que precederam a pandemia, cujos artigos *Voz em movimento: um estudo de metaperspectiva sonoro-motora que reúne dança contemporânea, música e tecnologia*, de Andréia Nhur, e *Análise Acústica como uma contribuição para o estudo do grito cênico: relato de experiência nas vozes de atrizes*, de Jane Celeste Guberfain, Mariana Baltar e Lidia Becker, são dois exemplos emblemáticos. O relato do projeto *Voz Feminina*, proposto por Eleonora Montenegro, Mayra Montenegro de Souza, Glênia Maria da Silva Freitas e Samara Batista dos Santos, integra o fluxo contínuo da revista, mas se conclui igualmente pelo testemunho da adaptação do processo à forma remota.

Se os contornos impostos pelo distanciamento tornaram preponderantes neste número a presença de tecnologias digitais, o Dossiê visou abarcar a voz mediada por tecnologias igualmente em perspectivas históricas, interessando-se pela intermediação de dispositivos mecânicos e analógicos. A instalação cênica *O Naufrágio*, de Sulian Vieira, Silvia Davini e César Lignelli, já em 2010 explorava o agenciamento entre artesanaria e tecnologias digitais de som e imagem. Pensar a gambiarra como objeto técnico no registro audiovisual *Objeto técnico # 1: Gambiarra*, composto por Edith de Camargo, Ana Wegner, Charles Feitosa e Shadiyah Venturi Becker, é também uma maneira de expandir a noção de tecnologia.

A discussão não se encerra no aspecto material, já que as relações entre tecnologias e voz também engendram reflexões éticas e políticas, como as trazidas no livro de Freya Jarman-Ivens *Queer Voices: Technologies, Vocalities and the Musical Flaw* - resenhado para este Dossiê Temático por Daiane Dordete, Mayra Montenegro, Alexandra de Melo, Cae Beck,

Leonardo Manschein e Luiza Gutierrez - e no registro audiovisual *Objeto técnico # 2: Microfone* - de Luciana de Lucena, Kaíke Barto e Luzia Rohr Balaj -, que leva em conta a dimensão simbólica do microfone. A maioria dos textos do Dossiê abrem perspectivas que podem contribuir para pesquisa igualmente no campo interdisciplinar emergente das humanidades digitais.

Por fim, a *Conversa com Wladimir Pinheiro sobre as muitas possibilidades do Teatro Musical* conduzida por Leticia Carvalho e o artigo *Investigação de um processo de ensino e aprendizagem de Atuação Através da Canção no ensino superior brasileiro*, de Tiago Mundim, que compõem o fluxo contínuo da revista, exploram as diferentes fronteiras entre teatro e música.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!